

PROCESSAMENTO ANAFÓRICO: UM PEQUENO EXPERIMENTO SOBRE A RESOLUÇÃO DE ANÁFORA E A EXPRESSÃO DO SUJEITO

Mônica Rigo Ayres¹

RESUMO: Haag & Othero (2003) se propuseram a estudar o processamento de anáforas pronominais, especialmente no que diz respeito à preferência por ligar o pronome anafórico ao antecedente mais próximo ou ao tópico da sentença. Para tanto, os autores se valeram de um questionário que foi aplicado a 30 informantes. No questionário aplicado por Haag e Othero, em cada sentença alvo havia dois antecedentes possíveis, um tópico e outro mais próximo da anáfora.

ABSTRACT: Haag & Othero (2003) set out to study the processing of pronominal anaphoras, especially with regard to the preference for linking the anaphoric pronoun to the closest antecedent or topic of the sentence. To do so, the authors used a questionnaire that was applied to 30 informants. In the questionnaire applied by Haag and Othero, in each target sentence there were two possible antecedents, a topic and another one closer to the anaphora.

¹ Doutora em Letras (Estudos da Linguagem) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. E-mail: monica.ayres@ufrgs.br

Entretanto, a anáfora já estava preenchida por um pronome, mas ela também poderia acontecer através de uma categoria vazia, o sujeito nulo. É nesse contexto que surgiu a ideia de investigar as mesmas frases, mas sem inserir o pronome anafórico, para testar a preferência dos falantes por completar a sentença utilizando a forma anafórica pronominal ou nula. Neste estudo, nossos objetivos são (i) testar a preferência dos falantes por completar a sentença utilizando a forma pronominal ou nula; (ii) verificar se há um padrão ou uma relação na preferência por ligar essa anáfora (pronominal ou nula) a um dos antecedentes possíveis (tópico ou referente mais próximo); e, (iii) averiguar se traços do antecedente influenciam na escolha por pronome ou sujeito nulo. Com relação ao objetivo (i), encontramos um número maior de anáforas pronominais; no que diz respeito ao objetivo (ii), nossos dados não mostraram uma relação entre os fatores; já com relação ao objetivo (iii), apresentamos tendências que devem ser mais profundamente investigadas.

PALAVRAS-CHAVE: Resolução de anáfora; Sujeito expresso; Sujeito nulo.

However, the anaphora was already filled in by a pronoun, but it could also happen through an empty category, the null subject. It is in this context that the idea of investigating the same sentences arose, but without inserting the anaphoric pronoun, to test the speakers' preference for completing the sentence using the pronominal anaphoric or null form. In this study, our objectives are (i) to test the speakers' preference for completing the sentence using the pronominal or null form; (ii) check whether there is a pattern or a relationship in the preference for linking this anaphora (pronominal or null) to one of the possible antecedents (topical or closest referent); and, (iii) verifying if antecedent features influence the choice for overt or null subject. Regarding objective (i), we found a greater number of pronominal anaphoras; about the objective (ii), our data did not show a relationship between the factors; regarding objective (iii), we present trends that should be further investigated.

KEYWORDS: Anaphora resolution; Overt subject; Null subject.

INTRODUÇÃO

A ideia para este *squib* surgiu a partir do trabalho de Haag & Othero (2003), que se propuseram a estudar o processamento de anáforas pronominais. Os autores investigaram a preferência dos falantes por ligar o pronome anafórico ao seu antecedente mais próximo ou ao tópico da sentença, especialmente interessados na resolução de ambiguidade em anáforas pronominais, a partir de um experimento questionário aplicado a 30 informantes. No questionário, havia frases como a seguinte:

1. Os políticos adoram os carros importados, porque eles _____.

Então os falantes completavam a sentença, relacionando o pronome anafórico (“eles”, no exemplo a) ao antecedente mais próximo (“carros importados”) ou então ao tópico da sentença (“os políticos”). Foram apresentadas aos participantes 20 frases. Os autores fazem os seguintes questionamentos:

será que processamos a anáfora automaticamente associando o pronome ao antecedente mais próximo? Ou será que deixamos o processo em aberto até termos mais informações semânticas e podermos efetuar o processamento anafórico sem erros?

Haag & Othero (2003: 69).

Haag & Othero indicam que, além da distância entre o termo anafórico e seu antecedente, outros fatores devem interferir na escolha do antecedente ligado à anáfora. Eles apontam traços como [+/- humano], [+/- animal], [+/- animado], [+/- coletivo] como candidatos a terem influência nessa seleção, não importando sua posição ou distância do termo anafórico.

A conclusão à qual os autores chegam é que “*os traços semânticos parecem ser mais relevantes para o processamento anafórico do que a distância ou posição do termo anafórico e seu antecedente*” (Haag & Othero, 2003: 78).

Nas frases do questionário, Haag & Othero preencheram a posição da anáfora com um pronome. Entretanto, o processo de anáfora também poderia acontecer através de uma categoria vazia, o sujeito nulo. É nesse contexto que surgiu a ideia de investigar as mesmas frases, mas sem inserir o pronome anafórico, com o objetivo de (i) testar a preferência dos falantes por completar a sentença utilizando a forma pronominal ou nula; (ii) verificar se há um padrão ou uma relação na preferência por ligar essa anáfora (pronominal ou nula) a um dos antecedentes possíveis (tópico ou mais

próximo); e, (iii) averiguar se os traços influenciam na escolha por sujeitos nulos ou pronominais. Com esses objetivos em mente, replicamos o questionário proposto originalmente por Haag & Othero (2003), porém sem preencher a posição da anáfora.

Apresentamos, neste squib, uma breve introdução sobre anáforas, na seção 1; na seção 2, há um breve panorama dos sujeitos em português brasileiro (daqui em diante, PB); na seção 3, mostramos o questionário e informamos como se deu a análise de dados; na seção 4, falamos sobre os resultados preliminares; e, por fim, na seção 5, fazemos considerações a respeito deste estudo, que ainda está em fase inicial.

1. ANÁFORAS

A anáfora tem relação com informação e construção de sentido. Quando nos comunicamos, buscamos construir sentidos com nosso interlocutor, e, nesse jogo de sentidos, precisamos nos basear em conhecimentos compartilhados, conhecimentos de mundo, pressuposições e também no que é informação dada e nova. De acordo com Haag & Othero,

a informação semântica em um texto pode ser dividida basicamente entre o dado e o novo. A informação dada tem como função construir “pontos de ancoragem” para que a informação nova seja introduzida no contexto discursivo.

Haag & Othero (2003: 66)

Um elemento coesivo que auxilia o interlocutor na construção de sentidos é a anáfora², que faz a relação entre uma informação nova e dada. De acordo com Koch e Marcuschi:

a retomada anafórica é a estratégia de progressão discursiva mais estudada e conhecida, mas não de todo compreendida e provavelmente mal-compreendida. Em primeiro lugar, a expressão retomada nem sempre designa uma retomada referencial em sentido estrito, mas é apenas uma espécie de remissão que estabelece o contínuo tópico. Em segundo lugar, a noção de anáfora é aqui enriquecida e ampliada e não

² Ressaltamos que a concepção de anáfora adotada aqui é a clássica (direta, que retoma um referente previamente introduzido), em oposição à definição de anáforas indiretas de Marcuschi, 2005.

diz respeito apenas a relações estabelecidas por pronomes, mas por nomes e outras categorias.

Koch & Marcushi (1998: 7)

Haag & Othero (2003) apontam que a anáfora pode ocorrer através de um pronome³, mas a anáfora também pode acontecer de outras formas. Além do pronome, a anáfora pode ocorrer por substituição, repetição e elipse, como exemplificado a seguir:

2. a) [Carla]i é uma ótima médica, [ela]i sempre está disposta a ajudar (pronome).

b) [Mateus e Igor]i beberam todas ontem, [os caras]i não conseguem se controlar (substituição).

c) [A Maria]i é tri legal, outro dia eu tava mal e [A Maria]i fez um chá pra mim (repetição).

d) [A Cristiana]i está no fim da faculdade, Øi logo vai se formar (elipse – sujeito nulo).

2. SUJEITOS DO PB

O PB perdeu a *preferência* pela omissão dos sujeitos (sujeitos nulos), e atualmente apresenta um número bem mais expressivo de sujeitos expressos (como apontado por TARALLO, 1983; DUARTE, 1993/1995; DUARTE & FIGUEIREDO SILVA, 2016; SOARES ET AL, 2019; OTHERO & SPINELLI, 2019; e, AYRES 2021, por exemplo). De todo modo, como apresentado nos estudos já citados, ainda há um número considerável de sujeitos nulos. Duarte (1995: 29-30) afirma que em PB “*o sujeito nulo já não se encontra em distribuição complementar como pronome pleno. Ele é antes uma opção que se realiza cada vez menos em favor deste, cuja ocorrência, em momento algum, compromete a aceitabilidade de uma sentença*”.

A literatura aponta alguns fatores que poderiam interferir na escolha por formas nulas ou pronominais. Aqui destaco a Hierarquia de Referencialidade, proposta por Cyrino, Duarte e Kato (2000). De acordo com essa escala, elementos no ponto mais alto da hierarquia seriam retomados por formas preenchidas, enquanto elementos no ponto mais baixo da hierarquia seriam retomados por formas nulas. Vejamos a escala proposta pela Hierarquia de Referencialidade:

³ Haag & Othero (2003, p. 68) relatam que a anáfora pronominal é o tipo mais comum de anáfora encontrado.

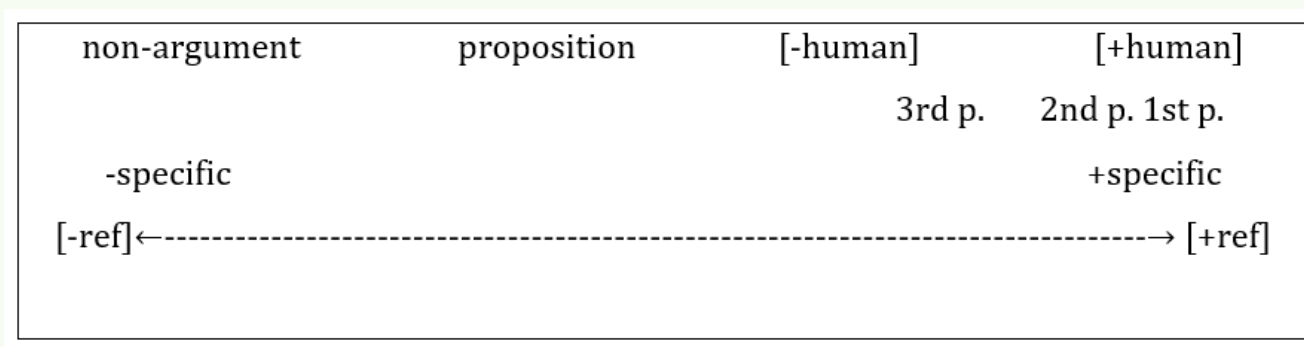


Figura 1: Hierarquia de Referencialidade (Cyrino, Duarte e Kato, 2000: 59)

Supondo que, quanto mais à direita, mais elevado é o ponto da hierarquia, é possível notar que elementos que possuem o traço [+humano] configuram o topo, e, portanto, tendem a ser retomados por pronomes expressos. No ponto oposto, bem à esquerda, estaria o nível mais baixo, no qual há elementos não argumentais, que são mais comumente retomados por categorias vazias. Em seu estudo, Cyrino, Duarte e Kato (2000) concluem que a referencialidade é altamente relevante no fenômeno de pronominalização.

3. QUESTIONÁRIO

O questionário foi aplicado a 18 informantes⁴, online, na plataforma Formulários Google. As sentenças alvo eram as mesmas de Haag & Othero (2003), tais como⁵:

- 1) A minha amiga acha que foi bem na prova, especialmente porque _
- 2) O gato é o único animal que meu pai não gosta, afinal _
- 3) As moradoras da casa ao lado estão sempre fazendo fofocas e _

Analisamos as respostas dos informantes organizando os dados em uma planilha, especificando as seguintes informações:

- i) Tipo de referente (t=tópico *vs.* p=referente mais próximo)

⁴ Com relação à faixa etária, 16 informantes estavam na faixa de 18 a 35 anos, 1 informante de 36 a 65 anos e 1 informante com mais de 65 anos; com relação à escolaridade, 4 informantes eram do nível pós-graduação, 11 de ensino superior completo e 3 de ensino superior incompleto.

⁵ Para ter acesso a todas as 20 frases do estudo, remetemos o autor ao estudo de Haag & Othero (2003).

- ii) Traço do referente ([+h]=+humano, [+a]=+animado⁶, [+col]=+coletivo)
- iii) Número do referente (sing=singular *vs.* pl=plural)
- iv) Tipo de retomada (sn=sujeito nulo *vs.* sp=sujeito pronominal)

Alguns dados foram perdidos, já que, em alguns casos, os informantes optaram por continuar as frases inserindo um novo referente (não fazendo, portanto, o processo de anáfora). Dessa forma, contamos com 211 dados para nossa análise.

4. RESULTADOS PRELIMINARES

Com relação ao nosso primeiro objetivo, *testar a preferência dos falantes por completar a sentença utilizando a forma pronominal ou nula*, encontramos um número um pouco mais elevado de anáforas com sujeitos nulos do que anáforas com sujeitos pronominais, como apresentado no gráfico 1, abaixo.

Das 211 ocorrências de anáforas, 58% foram com sujeitos nulos e 42% com pronomes. É um número mais expressivo de sujeitos nulos do que o verificado no PB vernacular (*cf.* DUARTE, 1993/1995; COSTA, 2003; e, OTHERO & SPINELLI, 2019, entre outros). Entretanto, aqui cabe uma ponderação: o questionário se deu através de um formulário escrito, e na língua escrita aparecem mais sujeitos nulos do que pronominais (*cf.* NUNES DE SOUZA *et al.*, 2010 e PAREDES SILVA, 2007, por exemplo).

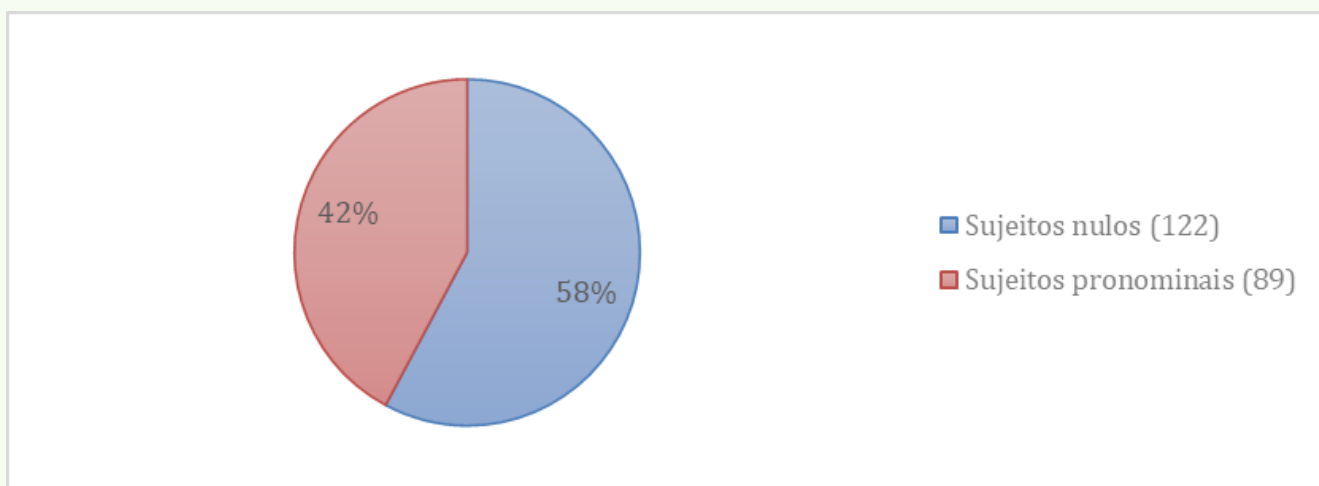


Gráfico 1: Ocorrências de anáforas pronominais e nulas

⁶ No trabalho de Haag & Othero (2003), os autores levam em consideração também a categoria [+animal]. Entretanto, em todos os casos das sentenças do questionário há referentes animais animados, portanto, aqui neste estudo levaremos em conta apenas o traço [+animado], já que, nessas sentenças, todo referente [+animal] é também [+animado].

No que diz respeito ao nosso segundo objetivo, verificar se há um padrão ou uma relação na preferência por ligar essa anáfora (pronominal ou nula) a um dos antecedentes possíveis (tópico ou mais próximo), nós encontramos maior diferença no tipo de retomada (pronominal ou nula) para referentes que estavam na posição de tópico. Os resultados podem ser visualizados no gráfico 2, a seguir:

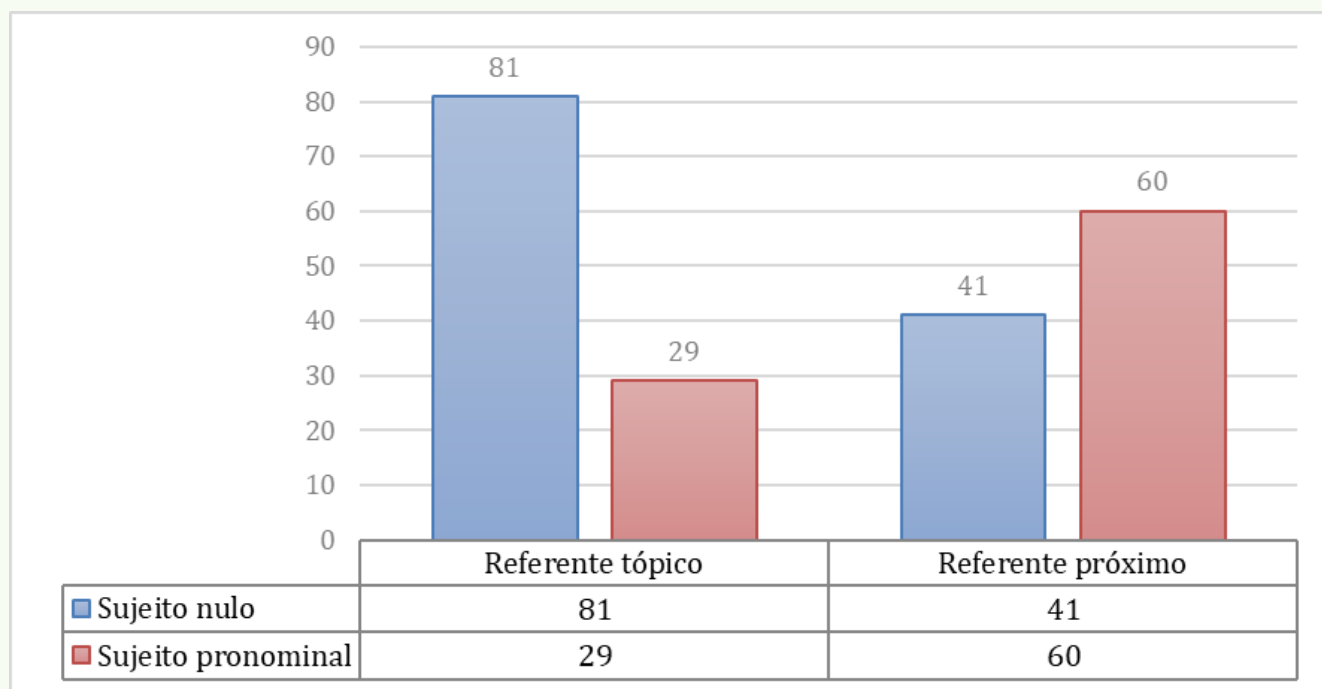


Gráfico 2: Referente tópico vs. próximo & sujeitos nulos vs. pronominais

A preferência dos falantes pela retomada anafórica ligada ao antecedente tópico ocorreu 110 vezes; dentre esses casos, 81 (73,6%) das anáforas se deram com sujeito nulo e 29 (26,4%) com sujeitos pronominais. Já para os casos de anáfora ligada ao referente mais próximo na sentença, que foram 101 ocorrências, 60 (40,6%) das anáforas ocorreram com sujeitos nulos e 41 (59,4%) das anáforas com sujeito pronominal. Ou seja, aqui notamos uma tendência à inversão: para referentes tópicos, a preferência se deu pela retomada com sujeitos nulos, já para referentes mais próximos, a preferência foi por anáforas pronominais. Talvez esse resultado tenha acontecido pelo tópico esteja mais ativo na memória, não sendo necessário expressá-lo novamente. Já o referente mais próximo se comporta de maneira muito

parecida com os sujeitos o PB vernacular: alto número de retomadas com pronome, mas um uso residual de sujeitos nulos.

Perseguindo nosso terceiro objetivo, *averiguar se os traços influenciam na escolha por uma das formas de retomada anafórica*, analisamos os dados levando em conta três fatores: (i) a ligação da anáfora pelo tópico ou proximidade, (ii) os traços do referente da anáfora e (iii) o tipo de retomada anafórica. Com isso, chegamos às seguintes combinações⁷:

ANIMACIDADE	REFERENTE	RETOMADA	OCORRÊNCIAS
[+a]	Próximo	Sujeito nulo	2
[+a]	Próximo	Pronome	20
[-a]	Próximo	Sujeito nulo	15
[-a]	Próximo	Pronome	3
[+a]	Tópico	Sujeito nulo	19
[+a]	Tópico	Pronome	10
[-a]	Tópico	Sujeito nulo	7
HUMANO	REFERENTE	RETOMADA	OCORRÊNCIAS
[+h]	Próximo	Sujeito nulo	24
[+h]	Próximo	Pronome	37
[+h]	Tópico	Sujeito nulo	43
[+h]	Tópico	Pronome	11
COLETIVO	REFERENTE	RETOMADA	OCORRÊNCIAS
[+col]	Tópico	Sujeito nulo	12
[+col]	Tópico	Pronome	8
			TOTAL: 211

Tabela 1: Combinações entre traços, tipo de referente e tipo de retomada anafórica

A partir da tabela acima, é possível notar que os traços [+a], [-a], [+h] e [+col] não parecem fazer diferença na escolha pela retomada anafórica pronominal ou com sujeito nulo, já que encontramos, por exemplo, 2 ocorrências de sujeitos nulos [+a] com antecedente próximo e 20 ocorrências

⁷ Apresentamos apenas as combinações que tiveram ao menos uma ocorrência.

de pronomes [+a] com antecedente próximo (*cf.* as 2 primeiras linhas da tabela). Sendo assim, a análise desses traços – ao menos de maneira isolada – não parece influenciar na escolha entre formas nulas ou pronominais no processo de retomada anafórica.

Com a finalidade de analisar um pouco mais de perto a relação entre os traços e o tipo de referente preferido na anáfora pronominal, vejamos a próxima tabela:

TRAÇO	TIPO DE REFERENTE	OCORRÊNCIAS
[+a]	Próximo	22
[+a]	Tópico	29
[-a]	Próximo	18
[-a]	Tópico	7
[+h]	Próximo	61
[+h]	Tópico	54
[+col]	Tópico	20
		211

Tabela 2: Traços e referente próximo ou tópico em sujeitos pronominais

Por meio da tabela 2, notamos que o traço [-a] parece ser relevante para ligar a anáfora com seu antecedente próximo, já que mais que o dobro das ocorrências com esse traço foi ligada ao referente próximo em detrimento do tópico. Outro traço que tem comportamento interessante é o [+col], nas ocorrências com esse traço, a preferência foi por ligar a anáfora ao tópico em 100% dos casos.

5. PRÓXIMOS PASSOS

Este estudo ainda está em fase inicial, entretanto, em nossa análise preliminar, foi possível verificar que o processo de anáfora se deu, em sua maioria, com sujeitos nulos – contrariando o que se verifica no PB vernacular falado, mas confirmando o que se encontra na escrita do PB. Tendo em vista que nosso instrumento de pesquisa se deu de forma escrita, esse resultado parece legítimo. Também foi possível perceber que os traços analisados não parecem influenciar no tipo de retomada anafórica (nula ou pronominal), já que referentes com um mesmo traço ([+a], por exemplo, *cf.* tabela 1) não

polarizam os dados entre sujeitos nulos ou pronominais. Notamos que o traço [-a] e especialmente o traço [+col] parecem ser relevantes para a escolha dos falantes ao ligar a anáfora ao antecedente mais próximo na sentença ou ao tópico da sentença. Como dissemos, o estudo está em fase inicial, sendo assim, nossos resultados preliminares devem ser melhor explorados, levando-se em conta um número maior de informantes e também análise estatística. Um próximo passo interessante seria descobrir por que esses traços (e não outros) seriam relevantes para o processo anafórico e quais fatores estão em jogo na escolha entre retomadas anafóricas nulas ou pronominais. Com relação a esses casos, poderia ser pertinente criar um novo questionário com sentenças nas quais tanto o tópico quanto o referente mais próximo tenham os traços [-a] ou [+col], para verificar se é possível perceber uma preferência dos falantes por ligar a anáfora ao antecedente mais próximo ou ao tópico quando ambos possuem traços que parecem ser relevantes nessa escolha.

REFERÊNCIAS

AYRES, M. R. **Contextos licenciadores de sujeitos nulos em português brasileiro**. Tese. Porto Alegre, UFRGS, 2021.

COSTA, S. **O sujeito usado por crianças e adolescentes de Florianópolis: um estudo da ordem e do preenchimento**. Dissertação. Florianópolis: UFSC, 2003.

CYRINO, S. M. L.; DUARTE, M. E.; KATO, M. A. *Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese*. In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (eds.) ***Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter***: 55-104. Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana, 2000.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no Português do Brasil. In: ROBERTS, I. ; KATO, M. K. (org.). **Português Brasileiro – Uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

DUARTE, I.; FIGUEIREDO SILVA, M. C. *The Null Subject Parameter and the Structure of the Sentence in European and Brazilian Portuguese*. In: WETZEL, L.; COSTA, J.; MENUZZI, S. (eds.), ***The Handbook of Portuguese Linguistics***: 234-53. Oxford (UK): Wiley Blackwell, 2016.

- HAAG, C. R.; OTHERO, G. A. O processamento anafórico: um experimento sobre a resolução de ambigüidades em anáforas pronominais. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 4: 65-79,, Tubarão, SC, 2003.
- KOCH, I. V.; MARCUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. **DELTA - Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 14, 2000.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina. **Referenciação e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005: 53-101.
- NUNES DE SOUZA, C. M. et al. O preenchimento do sujeito pronominal em textos escritos de alunos adolescentes de Florianópolis. **Working Papers em Linguística**, n. especial: 94-107, Florianópolis, 2010.
- OTHERO, G. A.; SPINELLI, A. C. Sujeito expreso e nulo no começo do séc. XXI (e sua relação com o objeto nulo em PB). **Domínios de Lingu@gem**. Uberlândia, v. 13, n. 1, jan. -mar., 2019.
- PAREDES SILVA, V. L. Continuidade de referência: nomes, pronomes e anáforas zero em gêneros da fala e da escrita. **Revista Linguística**, v.3, n.1: 159-178, jun., 2007.
- SOARES, E. C.; MILLER, P. e HEMFORTH, B. *The effect of verbal agrément marking on the use of null and overt subjects*. **Forum lingüístic.**, Florianópolis, v.16, n.1: 3479-3600, jan./mar., 2019.
- TARALLO, F. **Relativization strategies in Brazilian Portuguese**. Tese. University of Pennsylvania, 1983.